

DOI: <http://dx.doi.org/10.18817/ot.v22i39.1214>

REIS, Alessandra. *Meia lua em mim: a Falciforme em versos*. Belo Horizonte: [s. n], 2020. 136 p.

ESCREVIVÊNCIA FALCÊMICA: a luta poetizada como ato de (re)existência¹

FALCEMIC LIVE-WRITING: the poeticized struggle as an act of (re)existence

ESCRITURA FALCÊMICA: la lucha poetizada como acto de (re)existencia

SUANNY DA SILVA ALVES

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6820-3144>

Mestranda em Educação pela Universidade Federal do Amazonas (PPGE/UFAM)

Bolsista da FAPEAM e CAPES

Manaus/Amazonas/Brasil

suhalves8@gmail.com

ANANDA DA SILVA ALVES

ORCID: <https://orcid.org/0009-0007-8562-7417>

Mestranda em Ciências da Saúde pela Universidade Federal do Amazonas (PPGCIS/UFAM)

Manaus/Amazonas/Brasil

anandasilva687@gmail.com

FERNANDA PRISCILA ALVES DA SILVA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3795-3916>

Doutora em Educação e Contemporaneidade. Psicóloga e Pedagoga. Docente no Instituto de Ciências Sociais, Educação e Zootecnia (ICSEZ/UFAM) e professora colaboradora no PPGE/UFAM.

Parintins/Amazonas/Brasil

feracatejo2@gmail.com

A autora tem nacionalidade brasileira, cor negra, nasceu na periferia da zona leste de São Paulo, mas reside atualmente em Belo Horizonte – MG. Possui formação em Magistério, e nível técnico na área de Naturopatia. Diagnosticada com a doença falciforme, encontrou na escrita poética sua terapia e militância, buscando promover, nos leitores, mais conhecimento, compreensão, empatia e respeito em relação aos falcêmicos.

A obra apresenta, em forma de versos, uma escrevivência negra metafórica de quem convive com a dor crônica causada pela Falciforme, além de suas múltiplas dificuldades do *ser* e do *fazer* no cotidiano. Escrito em primeira e terceira pessoa, o texto é dividido em sete tópicos, dando-se ênfase às fases da lua em alusão às estações, também, da vida, marcadas por mudanças significativas e influenciadas por fatores biológicos, culturais e

¹ Resenha submetida à avaliação em agosto de 2024 e aprovado para publicação em outubro de 2024.

ambientais, almejando, assim, por meio da poesia desenvolver a sensibilidade catártica e o autoconhecimento necessário para lidar com as fases da anemia falciforme considerada um dilema existencial.

No primeiro tópico –*Convivendo com a Doença Falciforme* –, a autora expõe que, desde tenra idade, lidar com essa enfermidade, caracterizada como hereditária, crônica e degenerativa, é algo bastante extenuante, pois, dada a imprevisibilidade da condição de saúde, a qualquer instante, uma nova intercorrência hospitalar pode alterar, abruptamente, o rumo dos seus planos de vida – e isso é, no mínimo, assustador; em muitos casos, paralisante (Reis, 2020, p. 15). É claro que ninguém está imune a enfrentar momentos de hospitalização por circunstâncias imprevistas, mas àqueles que nascem com a doença falciforme o hospital se torna o seu segundo lar, devido à frequência e à necessidade de cuidados regulares, tratamentos específicos e possíveis internações por períodos prolongados em busca de estabilidade médica. Ao final do primeiro tópico, a autora faz o convite ao leitor para realizar pesquisas sobre a doença para melhores conhecimento e esclarecimento das etapas seguintes.

Trata-se de uma adaptação precoce comumente confrontada pela falta de percepção pública. A anemia falciforme, embora seja a doença genética de maior prevalência e morbimortalidade no Brasil e globalmente, especialmente entre pessoas com ascendência africana e afrodescendentes, em decorrência de uma hereditariedade histórica associada à resistência a malária, a doença falciforme ainda é desconhecida e ignorada por muitos. Mesmo os esforços gradativos por parte do Ministério da Saúde e instituições civis, no fomento de políticas públicas, além dos programas de atendimento especializado e difusão de informações por meio de cartilhas e manuais nas mídias digitais, parecem ser insuficientes para mitigar o desconhecimento enraizado na sociedade, o que acaba desencadeando vários tipos de discriminação e preconceito com essas pessoas. Conforme elucida a autora,

[...] somos mais do que a doença e poetizá-la é meu modo de torná-la compreensível para além do entendimento patológico, mostrar como ela nos envolve numa trama que vai além do corpo, que engloba o nosso ser em todos os seus aspectos: biológico, físico, emocional, espiritual e social (Reis, 2020, p. 16).

Ao transformar essas realidades em poesia, confere-se enfoque humanístico e identitário para além das implicações clínicas da doença, sendo direcionado aos seres humanos que com ela convivem (Reis, 2020, p. 15), evidenciando, desse modo, experiências, sentimentos e desafios pessoais enfrentados no dia a dia.

No segundo tópico – *Sobre ressignificar alguns símbolos de nossas vidas* –, é explorada, primeiramente, a etimologia do termo “falciforme”, que significa foice. Essa denominação é dada à mutação do gene que produz a hemoglobina do glóbulo vermelho no sangue, fazendo com que as hemácias percam o seu formato redondo e maleável, tornando-se rígidas e adquirindo forma de foice. Por muito tempo, essa simbologia esteve ligada à doença, mas foi refutada por estar atrelada a algo ruim e sombrio, “[...] ao pensar numa foice, a imagem que vinha em minha mente era a da morte”, o que impactava no tratamento, por não haver perspectiva de futuro. Logo, se propôs uma nova reinterpretação do símbolo, adotando a imagem da meia lua, “[...] há uma beleza sem fim neste símbolo, bem mais rico que a foice que nos corta, silencia e oprime. [...] a meia lua nos chama a reflexão [de que a doença] é só mais uma fase, um aspecto de nossa existência” (Reis, 2020, p. 19). Essa abordagem simbólica aporta uma visão mais ampla, humana e compassiva no sentido de reconhecer a resiliência e a capacidade dessas pessoas de encontrar beleza onde o sofrimento habita.

Reis (2020), ao estabelecer uma analogia entre a doença crônica e as fases cíclicas como as estações do ano, as fases da lua e as etapas da vida, mostra-nos que nada é estático e tudo está em constante movimento, cabendo a nós compreender essa transitoriedade das coisas e apreendermos que a vida requer transformações contínuas. Por isso, ao fazer a divisão do livro segundo as fases da lua, mesmo não seguindo a sequência real, a autora ressalta que serve “[...] como representação simbólica das etapas pelas quais passamos na convivência com uma doença crônica” (Reis, 2020, p. 20), podendo ser interpretada como momentos de enfrentamento, adaptação, introspecção e crescimento.

Na terceira seção, denominada de *Fase Nova*, dispomos da etapa da novidade, relacionada com a descoberta da doença, seja precocemente ou tardiamente, pela pessoa ou seu acompanhante. É composto por quinze poemas, que discorrem desde a crise vaso oclusiva, que se trata de “[...] foices que se formam disformes, [...] se aglutinam, me limitam, me irritam, [...] e no cansaço deste ato faz meu corpo padecer” (Reis, 2020, p. 29), que pode acontecer em qualquer parte do corpo causando dor álgica nas articulações e ossos, com duração variável e recorrente, “[...] quando foi que você chegou, eu já nem lembro. [...] Meu corpo reclama um leve espaço, [...] eu quero trégua uma paz quem sabe, antes que eu desabe” (Reis, 2020, p. 28), os quais necessitam de atendimento de urgência ou de emergência na condição de prioritários.

Em alguns casos, faz-se uso direto do tramal ou da morfina para sanar dores moderadas ou graves, cujos efeitos colaterais parecem intensificar a inexistência do sujeito: “[...] trancou-se no quarto, dormiu horas a fio, dias inteiros, queria mesmo não ter que

acordar, e deparar-se com a vida lá fora que segue igual” (Reis, 2020, p. 31; 35). Geralmente, são crises associadas a diversos fatores, entre eles: *o tempo frio*, no qual Reis intitula um dos poemas de “Inv(f)erno” referindo-se à sensação de algo “[...] que me corta, [...] me dilacera [e o riso aborta], reportando-se ao fato que o clima frio contrai as veias do corpo e dificulta o transporte de oxigênio feito pelas hemácias. Também temos a *desidratação* e as *infecções* frequentes, que causam danos sérios em tecidos e órgãos (Reis, 2020, p. 32; 36), podendo levar ao Centro de Terapia Intensiva (CTI). Aos que resistem bravamente a essa fase desestabilizadora, retoma-se a rotina sucessiva de cuidados médicos, necessários à longevidade e ao bem-estar do falcêmico. Nesse viés, envolve-se a questão do atendimento oferecido pela equipe hospitalar,

Era um número ou nada [...] leito número tal, doença tal, prontuário número tal [...]. Eles não a enxergavam, alguns até a humilhavam, de enfermeiros a doutores, sempre lhe perguntavam: novamente aqui? Como se estivesse em minhas mãos o poder de decidir, pois se decidir pudesse, uma escolha ela faria: os tornaria ‘humanos’ e ali não mais voltaria (Reis, 2020, p. 38).

São reflexos de realidades, que trazem, de forma intrínseca, atos de discriminação e de racismo institucional dentro dos ambientes hospitalares, ultrapassando, desse modo, uma discussão de saúde pública, configurando-se como um problema de justiça social. Talvez, havendo mais intervenções inclusivas, por parte desse grupo étnico, em estudos e pesquisas na área da saúde, os futuros profissionais possam obter uma dimensão mais abrangente da doença falciforme e, assim, fornecer uma assistência médica mais humanizada.

Já *Fase Minguante* corresponde à interiorização, ao enfrentamento da constância de emoções, que invadem o psicológico dessas pessoas. São destacados quinze poemas para expressar esses sentimentos em contextos diversos: “[...] ao longo do dia meu corpo não reage [...] pego um livro, tento ler, mas a mente não se concentra, [...] pensamentos se agarrando à dor que surge [...], quero dormir profundamente, mas essa dor, o sono afugenta” (Reis, 2020, p. 46). Apesar da tentativa de focar em outra atividade, a dor dificulta esse fazer, “[...] e quando penso que a expulsei, retorno e vejo, lavando os pratos” (Reis, 2020, p. 47), havendo um constante conflito interno que impacta a rotina diária, visto que a dor pode aparecer na “[...] perna, braço, panturrilha, ombros, pescoço, barriga [...] nem sei quem mais alto grita” (Reis, 2020, p. 48).

São circunstâncias dolorosas, que emudecem as perspectivas pessoais, abrindo espaços a gatilhos emocionais perigosos como ansiedade, depressão, problemas de

autoestima, entre outros. “Sofro de minhas próprias mágoas, das feridas que me causei, desta dor, que em dor deságua nos mares que naveguei” (Reis, 2020, p. 53), “[...] esta dor pra que serve afinal? Aflitivo silêncio condenando-me a morte, é amargo o gosto que trago da vida [...] minha alma é de lama, tudo em mim se estranha, tudo em mim se esvazia [...]” (Reis, 2020, p. 55). “[...] quero seguir, e me reerguer por conta própria, mas é que no momento me sinto indisposta, a tudo que sou e ao que os outros esperam que eu seja, estou vazia de certezas, sonhos, metas, e de tudo o mais, sinto-me quase incapaz, mas ouçam bem, eu disse quase” (Reis, 2020, p. 56). É essencial entender essas necessidades emocionais e prover suporte psicológico e social, de forma a reduzir as sequelas negativas na saúde mental dos indivíduos afetados pela doença falciforme.

No quinto tópico, designado de *Fase Crescente*, enfatiza-se a etapa da aprendizagem, enaltecendo-se a autoconfiança falcêmica de que a cada crise turbulenta com a doença pode fazê-los crescer. Ao final da maioria dos quinze poemas, deixa-se um sentido de superação, renovação e otimismo: “[...] o segredo é manter a calma e tentar se aliviar quando tudo em sua vida parece se falcizar” (Reis, 2020, p. 66), “[...] muitas marcas pra sarar, mas com o tempo, de verdade, irão se cicatrizar” (Reis, 2020, p. 79). “[...] retira de ti o que ti apaga, liberte-se dessas amarras, a vida chama, vai ser feliz” (Reis, 2020, p. 81). Observa-se uma postura consciente e determinada em relação à vida, cultivando-se uma mentalidade positiva que busca aprendizado e crescimento inerente aos períodos desafiadores.

Reis (2020) também faz menção ao medicamento *Hidroxiuréia*, por tê-la permitido viver com melhor qualidade de vida, já que reduz as crises algicas constantes e outras complicações, “[...] livrando-me da morte, vi um mundo diferente, minh’alma bem mais forte, meu corpo mais resistente, lembrando agora o passado, de angústia e dor sem igual, só peço a minha sorte: que não me falte o remédio, que me livra desse mal” (Reis, 2020, p. 71). A doença falciforme não tem cura, mas existem opções de tratamento como a Hidroxiuréia, que apesar das críticas quanto ao uso contínuo, vem se tornando crucial no reestabelecimento funcional e social dos falcêmicos, dando-lhes oportunidades de desenvolvimento pessoal e profissional. Outro destaque, disposto no poema “Conjunção Lunar”, diz respeito aos irmãos de meia lua, uma referência específica às pessoas que partilham da mesma luta falciforme: “[...] são muitas luas a iluminar as noites, [...] tantas vivências que aos olhos contagia, tanta beleza em tão repletas vidas [...], forças conjuntas, que em vigor se unem [...] na realização de sonhos, projetos e conquistas [...]” (Reis, 2020, p. 80). Esse entrelaçar de histórias de vida acaba por nutrir o ato de (re)existência, pois são

experiências pessoais que trazem fortalecimento emocional, aprendizado, conscientização, empoderamento, conexão comunitária e sem dúvida, inspirar esperança.

Na penúltima seção, a *Fase Cheia*, apresentam-se as dimensões da aceitação, da superação e da plenitude, buscando romper tudo aquilo que delimita ou aprisiona a ação do *ser*. Aqui, conta-se com vinte e seis poemas de densas reflexões e correlações aos anteriores. “Quando tudo é tristeza, fecho os olhos, respiro, sinto, o pulso e o sopro presentes, e ainda que triste agradeço, é mais um dia de vida, nas tramas de um recomeço” (Reis, 2020, p. 106). Apesar das dores e das aflições enfrentadas pelos falcêmicos, há gratidão pelo dom da vida, almejando-se que cada dia seja um recomeço com novas possibilidades. Reis (2020, p. 108) impõe novamente o seu brado *por conscientização*, “[...] nós precisamos dessa conscientização. Que a doença falciforme, não seja silenciada. Não é rara essa doença! Nunca mais nossa presença, muito menos nossas vidas, sejam negligenciadas”. Infelizmente, essas pessoas são alvos de discriminação aberta e disfarçada, constantemente, devido à falta de compreensão de sua condição genética, afetando diferentes campos de relações: profissional, educacional, social e pessoal. Logo, conscientizar sobre a doença falciforme torna-se latente, tanto para combater o estigma quanto para ampliar o apoio social e institucional.

Com o texto *Todas as fases da vida*, a autora sintetiza a obra fazendo um convite aos leitores para explorarem e expressarem as suas próprias experiências, quer lhe tragam desconforto ou não, por meio da escrita, argumentando que as palavras têm o poder de libertar e de transformar o mundo ao seu redor. Conforme incita a sua obra, a qual, a partir da combinação de elementos literários e da abordagem autobiográfica, não é oferecida somente uma visão íntima e emocional acerca dos desafios e complexidades de conviver com a doença falciforme, mas opera, também, como um propulsor significativo à conscientização e à empatia com aqueles que sofrem questões semelhantes, demonstrando que o ato de escrever as próprias narrativas de vida pode contribuir com a visibilidade social e os debates científicos mais amplos, provendo possíveis melhorias no âmbito da saúde e de identidade deste público.